



## FORMAÇÃO, TÉCNICA, CORPO: CONTRIBUIÇÕES DE HERBERT MARCUSE<sup>1</sup>

Danielle Torri<sup>2</sup>

Alexandre Fernandez Vaz<sup>3</sup>

### RESUMO

O texto apresenta resultados de uma investigação teórica que se debruça sobre a possibilidade de sobrevivência do ideal formativo na sociedade tecnológica, segundo as contribuições de Herbert Marcuse, tendo como eixo o lugar do corpo na sociedade contemporânea. Segundo ele, a excessiva importância deferida à técnica enfraquece a formação subjetiva. A ênfase nos meios que faz esquecer os fins não levaria ao entendimento, ao conhecimento e à emancipação, mas eclipsaria esse processo. Marcuse aponta a presença da técnica como domínio sobre os sujeitos e corpos, modo de substituição da formação e da política por meio da dessublimação repressiva.

**Palavras-chave:** Formação; Corpo; Dessublimação Repressiva; Marcuse, Herbert.

### EDUCATION, TECHNIQUE, BODY: HERBERT MARCUSE'S CONTRIBUTIONS

#### ABSTRACT

The paper presents results of a theoretical investigation, which focuses on the possibility of survival of Education ideal in the technological society, according to the Herbert Marcuse's contributions, whose axis is the body place in the contemporary society. According to him, the excessive importance granted to the technique weakens the subjective formation. The emphasis on the middles makes us forget the ends and does not lead to understanding, knowledge and emancipation, but eclipses this process. Marcuse points out the presence of such technical mastery over the subjects and bodies, so replacement education and politics by repressive desublimation.

**Keywords:** Education; Body; Repressive Desublimation, Marcuse, Herbert.

### FORMACIÓN, TÉCNICA, CUERPO: CONTRIBUCIONES DE HERBERT MARCUSE

#### RESUMEN

El texto presenta resultados de una investigación teórica que a cerca de la posibilidad de supervivencia del ideal formativo en la sociedad tecnológica, segundo contribuciones de Herbert

<sup>1</sup> Sob o título de *Formação, técnica e política: contribuições de Herbert Marcuse*, uma versão preliminar deste texto foi apresentada VII Seminário de Pesquisa da Região Sul (Pesquisa em Educação e Inserção Social – ANPED Sul), realizado entre 22 e 25 de junho de 2008, na UNIVALI, Itajaí, e publicado nos anais do evento ([http://www.portalanpedsul.com.br/2008/?link=eixos&acao=listar&nome=Filosofia%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o&id=82&listar=Trabalho&listar\\_nome=Trabalhos](http://www.portalanpedsul.com.br/2008/?link=eixos&acao=listar&nome=Filosofia%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o&id=82&listar=Trabalho&listar_nome=Trabalhos)). O trabalho é resultado parcial do Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação (IV), financiado pelo CNPq.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela UFSC; Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq); Bolsista de Apoio Técnico à Pesquisa CNPq. E-mail: [danieltorri@yahoo.com.br](mailto:danieltorri@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutor pela Leibniz Universität Hannover; Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC; Coordenador Geral do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq); Pesquisador CNPq. E-mail: [alexfvaz@uol.com.br](mailto:alexfvaz@uol.com.br)



Marcuse, teniendo como eje el lugar del cuerpo en la sociedad contemporánea. De acuerdo con el autor, la excesiva importancia diferida de la técnica debilita la formación subjetiva. El énfasis en los medios que hace olvidar los fines no lleva al entendimiento, al conocimiento y a la emancipación, pero eclipsaría ese proceso. Marcuse apunta la presencia de la técnica como dominio sobre los sujetos y cuerpos, modo de substitución de la formación y de la política por medio de la desublimación represiva.

**Palabras-clave:** Formación; Cuerpo; Desublimación Represiva; Marcuse, Herbert.

## 1 Introdução

A sociedade em que vivemos parece em muito coincidir com aquele diagnóstico feito por Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Max Horkheimer e Walter Benjamin, ao longo do século vinte. Um mundo intensamente *esclarecido*, globalizado, no qual várias fronteiras da comunicação foram derrubadas, permitindo que vozes e imagens se desloquem em velocidade antes nunca vistas. Uma sociedade em que a tecnologia parece estar atingindo seu ápice, pois mais do que nunca as máquinas permeiam o trabalho e imprimem níveis avançados à indústria. Este avanço, contudo, parece não permitir que o gênero humano alcance o mesmo desenvolvimento, pois pessoas ainda perecem de fome em alguns países, a guerra é mais do que uma possibilidade, as formas de dominação do homem pelo homem persistem.

O progresso linear e ascendente, duramente criticado pelos frankfurtianos, também passa pelo corpo. A todo o momento são criadas e renovadas práticas para otimizar o corpo e melhorar sua performance. Tudo deve aprimorar o corpo conforme um conjunto de normas que prescrevem como ele deve ou não ser, como ele não deve deixar de ser. Boa parte dessas predições é veiculada e sustentada por meio de revistas ilustradas e por diversas outras mídias, principalmente digitais. Toda essa visibilidade do corpo, tanto simulacro quanto materialidade, faz dele uma categoria central para entendermos o contemporâneo, as subjetividades que comporta.

Para a Teoria Crítica da Sociedade, o corpo emerge como categoria capaz de encontrar o destino da subjetividade no contemporâneo, suscitada pela sua condição reificada correspondente à permanência e a reprodução do capital. Para essa tradição intelectual, o corpo constitui uma espécie de índice por meio do qual é possível ler o percurso de desenvolvimento da civilização ocidental. Em conhecida formulação de *Dialética*

do *Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985, p. 215-6) referem-se a uma história que corre subterrânea à oficial, a do “[...] destino dos instintos e paixões humanas recalçados e desfigurados pela civilização.”

Também em Marcuse observamos o corpo como principal destino do controle civilizador por meio da repressão e da administração do aparato pulsional. O corpo seria o principal destino da repressão que eclipsa a liberdade e a formação, pois, ao ver sua capacidade de gratificação reduzir, crescendo como lugar do controle e do incitamento, é nele que se radica a subjetividade contemporânea.

Neste quadro insere-se o presente trabalho, que apresenta alguns resultados de uma pesquisa, cujo objetivo tem sido investigar aspectos da crítica de Marcuse à técnica e à tecnologia na sociedade capitalista tardia com ênfase no corpo, observando suas implicações na formação do sujeito. Nas próximas páginas apresentamos reflexões oriundas de duas temáticas centrais na obra de Marcuse, a relação entre técnica e formação, que se costura pelos temas do corpo e da política, e a questão da *dessublimação repressiva*, conceito fundamental que faz reencontrar a formação em seu momento à sombra, como que impedida em tempos contemporâneos.

## 2. Técnica, corpo

A técnica, afirmam os frankfurtianos, é o braço que possibilitou que o homem tornasse a natureza objeto, que nela colocasse a face humana, *civilizando* o mundo para que ele fosse mais habitável. Como tudo no mundo dos homens, nosso corpo também precisou ser modificado, tornando-se mais civilizado. Em tempos modernos e contemporâneos, ele tem que estar limpo, belo, quase ascético, aperfeiçoado. Os recordes esportivos metaforizam a ideia de um corpo eterno e *perfeito*. São os números nos recordes os testemunhos desse (suposto) aperfeiçoamento<sup>4</sup>. Outros espaços também apontam esse desejo, como as clínicas de estética, os salões de beleza, as academias de ginástica, a venda

---

<sup>4</sup> Nas análises dos *frankfurtianos*, especialmente de Adorno, o esporte é frequentemente entendido como uma *estrutura modelar* por meio da qual é possível compreender a sociedade contemporânea. Nesta, como no esporte, impera o princípio de rendimento; a sociedade se torna *esportivizada* (VAZ, 1999).

de instrumentos para exercícios em casa, programas televisivos sobre beleza e saúde, as frequentes intervenções estéticas.

A razão, e a ciência por meio dela, depois de derrubar os mitos, prometeu levar à autonomia. No entanto, como ensinam Adorno e Horkheimer (1985), o esclarecimento, com o intuito de *desencantar o mundo*, substituindo imaginação pelo conhecimento, acabou por manter ou repetir o caráter mitológico, ao ater-se à repetição, ao destino, ao caráter concêntrico de suas premissas. O fato de tudo na ciência poder ser repetido exaustivamente, obtendo-se sempre um resultado que, de certa maneira é previsível, pouco dista do esquematismo do *ciclo infernal do mito*.

Para os frankfurtianos, nesse processo de desencantamento, de *Aufklärung*, o corpo foi vetor da passagem de um estágio mitológico para outro racional. Foi preciso que o homem desenvolvesse técnicas que lhe permitissem, em um primeiro momento, sobreviver e, em seguida, potencializar essa existência. Como primeira etapa, refreou o homem o que há de natureza *em si mesmo*, o corpo, *também* natureza e, portanto, residente de perigos e ameaças na forma das paixões. Esse domínio foi possível por meio da razão e da técnica, forma privilegiada para o relacionamento e a dominação da natureza.

Contudo, a técnica, que melhora a vida dos homens, amplia suas possibilidades, diminui seu sofrimento e cada vez o conduz à autonomia, acaba também por, paradoxalmente, impedir esse processo. Ela é face do processo civilizador em que tudo é racionalizado em nome do progresso. Todas as forças são empenhadas para que o progresso siga em frente, esquecendo que ele não é linear e que é também composto de barbárie. Deste modo, a razão não se realiza, não serve à emancipação do homem. Para Marcuse (1969), assim como para Horkheimer e Adorno, haveria um caráter irracional na própria razão, que seria destruidor do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas, processo cujo destino se encontra no capitalismo avançado.

Se a razão perdeu seu caráter emancipador, a formação parece ser, nesse caso, a condição que é negada, pois, para Marcuse, a técnica – e a tecnologia<sup>5</sup> – ampliou

---

<sup>5</sup> Pode-se perceber, nos escritos dos frankfurtianos, que a distinção entre técnica e tecnologia não se faz presente, pois os dois conceitos representam esse impulso de dominação da natureza, de dominação do sujeito frente ao seu objeto. O que pode ser percebido no trecho de Marcuse (1960, APUD, LOUREIRO, 2003, p. 25) a seguir: “A distinção entre *physei* e *techne* indica o grau em que as técnicas criam entidades feitas pelo homem ao mudar as condições ‘naturais’. [...] a técnica é a negação metódica da natureza pelo pensamento e

consideravelmente a possibilidade da vida humana, sendo exemplo as facilidades proporcionadas pelas máquinas. Entretanto, o progresso, uma vida humana diminuída de sofrimento e que permitisse a amplo emprego das faculdades humanas, não aconteceu.

Segundo Marcuse (1999), estaríamos caminhando para uma sociedade em que o tempo consumido no trabalho já não seria mais essencial para atingirmos o mesmo nível de produção que outrora exigira a disposição quase ininterrupta frente à maquinaria. Viveríamos, portanto, uma condição social na qual o tempo livre poderia ser quantitativa e qualitativamente maior, empregado para promover o progresso com face humana. Neste sentido, a técnica, que é condição indispensável ao desenvolvimento – uma vez que possibilita o avanço das forças produtivas, reduzindo o tempo de trabalho e aumentando, conseqüentemente, o tempo livre – acaba por impedir que tal fato aconteça. As palavras de Marcuse (1999, p. 49) são exatas:

O progresso técnico, a própria tecnologia transformou-se em um novo sistema de dominação e de exploração – um novo sistema, pois modifica decisivamente as relações entre as classes [...]. Um aparato - e isto é o essencial - que também determina e forma as necessidades, até mesmo as necessidades instintivas, as próprias aspirações do indivíduo, que nivela a diferença entre o tempo de trabalho e tempo livre e que molda os seres humanos tão cedo e tão total e completamente que até mesmo conceitos como alienação e reificação tornam-se questionáveis [...] (MARCUSE, 1999, p. 49).

A atenção de Marcuse com a vida cotidiana, concreta, permeada pela razão tecnológica<sup>6</sup>, revela uma preocupação pedagógica, importante para os tempos de hoje, repletos de crenças nos meios técnicos. Sua crítica dirige-se aos mecanismos que impedem o potencial de autonomia dos indivíduos. Para ele, a produtividade alça o homem cada vez

---

ação humanos. Nessa negação, condições e relações naturais tornam-se instrumentalidades para a preservação, ampliação e refinamento da sociedade humana e, como técnicas, elas expandem seu papel na reprodução da sociedade, estabelecem um universo intermediário entre sujeito e objeto. É, num sentido literal, um universo tecnológico no qual todas as coisas e relações entre as coisas tornaram-se racionais (ou melhor, foram racionalizadas), quer dizer, sua “natural” objetividade foi refeita de acordo com as necessidades e interesses da sociedade humana”.

<sup>6</sup> Os escritos do autor não se limitam a crítica à técnica, antes sim, no espectro da razão instrumental, o autor afirma que, na sociedade, permeia a razão tecnológica que é a transformação do homem em tudo que é racionalizado, quantificado (Loureiro, 2003). Para Marcuse, “É apenas por meio da tecnologia que o homem e a natureza se tornam objetos de organização intercambiáveis. Os interesses particulares que organizam o aparelho ao qual estão submetidos se dissimulam por trás de uma produtividade e de uma eficácia universais. Em outras palavras, a tecnologia tornou-se o grande veículo da reificação - uma reificação que alcançou a forma mais acabada e mais eficaz” (1969, 91).

mais à competição, à rentabilidade, à conformação de que essa sociedade realizaria todos os desejos e possibilidades de felicidade, não sendo permitida ou mesmo suscitada, ou ainda necessária, qualquer contestação.

Essa preocupação com a técnica, com a adoração a ela dedicada, sua velocidade e potência mais do que nunca cultuadas, não é menos que atual. Fazem parte desse processo os jogos virtuais que simulam outra existência, supercomputadores, smartphones, televisões, exemplos dos fetiches que assombram os onipresentes meios nas formas de nos relacionarmos com as pessoas e em algo que nos diz respeito particularmente, a educação.

Marcuse teve uma preocupação pungente com a necessidade de emancipação humana dentro de uma sociedade altamente técnica e também profundamente manipuladora. É no livro *Ideologia da Sociedade Industrial* (MARCUSE, 1969) que deixa claro sua posição de crítica à técnica, atacando violentamente o estado pós-industrial moderno, o *Welfare State*, e apresentando o modo como enxergava o lugar da técnica na sociedade industrializada. Esta possuiria um papel ambíguo. Sem ela seria impossível o progresso, mas, ao mesmo tempo, ela não é neutra, servindo aos interesses do capital, servindo à dominação política. Para Marcuse, a sociedade do progresso, percebendo que a base em que se apoia – a técnica e a tecnologia – contém o rompimento dessa forma manipuladora, agiria repressivamente para evitar o avanço da humanidade ou busca um meio para que a energia libidinal, que pode libertar o homem, aja em seu sentido contrário.

Para Marcuse (1999), essa forma racional do mundo moderno acabou por mediar as relações sociais. Deste modo, um sistema de dominação tecnológico instituiu uma forma de pensar e de agir correspondentes. Para ele, o maior exemplo de economia e sociedade altamente racionalizada e tecnologizada foi o nacional-socialismo, que soube colocar a seu serviço e interesses tudo que eficiência da técnica possibilitou. Marcuse (1999) chamou essa forma de organização da sociedade de *tecnocracia*. Desta forma a técnica – o meio – que poderia servir à liberdade, à diminuição do trabalho alienado e da opressão, serve à dominação, operando na direção contrária aos interesses formativos.

Para Marcuse, estava claro que quem decide quais necessidades são verdadeiras e quais não, é o próprio indivíduo. Mas, como poderia ele decidir se está impossibilitado de pensar fora deste estado de coisas? Afinal, “[...] quanto mais racional, produtiva, técnica e total se torna a administração repressiva da sociedade” (MARCUSE, 1969, p. 28), mais

difícilmente, portanto, poderiam os indivíduos ser senhores de si. Antes seria preciso que cada um tivesse consciência do estado de servidão intelectual em que se encontra, o que não parecia possível naquele (e nem parece no atual) momento.

O que ficava nítido para Marcuse é que nesse modelo de racionalidade dirigida à dominação, o que está em pauta, é a sufocação das necessidades que pedem pela libertação e que impedem as possibilidades formativas. As necessidades advindas do indivíduo são pré-condicionadas para que este faça suas escolhas dentro do escopo que lhe é oferecido. Sob esse jugo, a *liberdade* é conduzida a ser um (talvez, o mais importante) instrumento de dominação. Nesse caso, não é a livre escolha que determina o grau de liberdade em que o indivíduo se encontra (MARCUSE, 1969). Consumir de acordo com o que é imposto, distrair-se, estar de acordo, dormir, comer, ou seja, encontrar satisfação porque se foi programado para que assim acontecesse. A libertação tem como pré-requisito a consciência da escravidão, mas a aparente liberdade atua em sentido contrário, impede que os indivíduos percebam seu estado de servidão. Impõe-se uma sociedade unidimensional (MARCUSE, 1969).

O indivíduo transforma-se em instrumento. Suas ideias, seus feitos são direcionados pelo universo unidimensional, como se um estado de existência diferente, não mais dominado, não fosse mais possível ou necessário. Nesse mundo, as relações com as mercadorias não são mais problemáticas, pois aquele não é mais que o conjunto de suas aquisições e bens. Se a técnica é que propicia esta relação, sua noção de neutralidade cai diante de seu uso:

Sua produtividade e eficiência [da técnica], sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e a destruição em construção, o grau com que essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humanos torna questionável a própria ideia de alienação (MARCUSE, 1969, p. 29).

Na fase de plena industrialização, quando Marcuse escrevia *O Homem Unidimensional*, ele chamava a atenção para a atuação do controle tecnológico, porque este parecia ser a “própria personificação da Razão para o bem de todos os grupos e interesses sociais” (MARCUSE, 1969, p. 30), de modo que a contradição e a contestação é que pareciam irracionais. O que Marcuse denuncia nesse momento e que parece fundamentar essa

*felicidade* são alguns fatores que via presentes na sociedade norte-americana. O Estado de bem-estar social gerava condições de vida e de trabalho superiores às que se tivera até então, e parecia colocar a sociedade desenvolvida como o que haveria de melhor para a população. Isto acabou por conduzir ao recuo dos movimentos dos trabalhadores e à aproximação dos sindicatos com o Estado. Havia muito menos interesse em abolir o trabalho (alienado) do que em permitir melhores condições de trabalho, promoções, férias, prêmios e lucros, e ainda mais consumo.

Se o padrão de vida tornava-se cada vez mais elevado por meio do desenvolvimento técnico, se os benefícios que o Estado apresentava eram tão confortáveis, o não-conformismo era algo que parecia não fazer sentido. A afirmação do poder do Estado se dá pelo testemunho da técnica como fiadora de um sistema que parece produzir felicidade e que dispensa o julgamento crítico.

As motivações propiciadas pelo eficiente desenvolvimento técnico propiciaram o surgimento de um universo de tal modo manipulado, que as frustrações são controladas e os conflitos estabilizados pelos efeitos da benesse social, da produtividade crescente. A crítica de Marcuse ocorre porque, para ele, no estado em que a sociedade se encontrava, a técnica estava personificada no aparato produtivo. Com isso, tornava-se meio de controle e coesão do universo político, que incorpora as classes que inicialmente deveriam promover a transformação.

Se é correto afirmar que a técnica pode promover a liberdade do homem, seu progresso, é bem verdade, pode produzir seu contrário. O nacional-socialismo foi o exemplo de uma economia altamente racionalizada e mecanizada que dizia promover a abolição do excesso e da alienação do trabalho, mas operou no interesse da opressão totalitária e da escassez continuada (MARCUSE, 1999). O reino do fascismo foi sustentado não apenas pela força bruta, mas, antes, pela engenhosa manipulação do poder da tecnologia: “intensificação do trabalho, a propaganda, o treinamento de jovens, e operários, a organização da burocracia governamental, industrial e partidária” (MARCUSE, 1999, p. 74). Algo que Marcuse presenciou, guardadas as devidas proporções, no Estado do bem-estar social americano.

Esse novo modo, incorporado pelo mundo do trabalho, enfraquece as principais bases que poderiam conter a transformação, quando a dominação inicial está



transfigurada em administração total. A tecnologia aparece como uma névoa, escondendo a servidão e a desigualdade por meio da racionalidade objetiva. Assim, acaba moldando os impulsos e as aspirações dos indivíduos (unir-se, defender seu trabalho, reconhecer-se nas suas aquisições), obscurecendo a diferença entre a falsa e a verdadeira consciência. Se a dominação não é mais física, é política e psicológica; se as classes parecem igualar-se pela esfera do consumo, nada compensa o fato de que as decisões dos indivíduos e as escolhas que fazem não são, de modo algum, dirigidas por eles. “Sobre elas, estes não têm controle algum” (MARCUSE, 1969, p. 49). Afinal, “todo protesto é insensato e o indivíduo que persistisse em sua liberdade de ação seria considerado excêntrico” (MARCUSE, 1999, p. 80).

Para Marcuse, essa é uma existência reificada. O indivíduo não percebe em que estado se encontra, já que, por meio do gozo imediato e *obrigatório*, deixa-se prender pelo fascínio que a técnica oferece. Os desejos, as aspirações humanas, o comércio e as descobertas científicas, unem-se racional e convenientemente. Aquele que *cumpr*e o *programa* segue à risca o que se espera dele e será bem sucedido, subordinando-se ao desejo anônimo que por ele escolheu (MARCUSE, 1999).

O aparato produtivo, racional e tecnológico vende essa ilusão e impõe esse sistema. O trecho a seguir explicita essa nova forma ideológica proporcionada pela técnica e pela razão:

Os meios de transporte, e comunicação em massa, as mercadorias em casa, alimento, roupa, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune a falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos a disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. E é um bom estilo de vida – muito melhor do que Dante – e como bom estilo de vida milita contra transformação qualitativa. Surge assim um padrão de pensamento e comportamento *unidimensionais* no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. São redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão qualitativa (MARCUSE, 1969, p. 32).

### 3 A Mais Repressão: Dessublimação repressiva

Uma total mobilização (*Totale Mobilmachtung*) para o progresso, alicerçada no crescente desenvolvimento da técnica, é uma base de sustentação para a integração política. A crítica de Marcuse atinge também o âmbito da cultura, na forma de uma *dessublimação repressiva*. Esse é um dos conceitos mais importantes elaborados pelo autor, ao operar no sentido de entender o estado de dominação subjetiva do capitalismo avançado (racional e tecnológico) e a extrema manipulação em uma sociedade tornada *unidimensional*.

Marcuse inspirou-se nos escritos de Freud sobre o princípio de realidade e o princípio de prazer para construções teóricas importantes. Retomou a tese que afirmava que, sem que houvesse negação do princípio do prazer, seria impossível que a civilização tomasse o curso que tomou, comportando repressão e sublimação (FREUD, 2000). Foram as normas sociais, o refreamento das pulsões que permitiram, ao homem, a vida em sociedade. A repressão, portanto, é um fenômeno histórico necessário, ainda que dolorido, para nossa constituição. Freud apontou a sublimação como a forma encontrada para nos relacionarmos com a renúncia, que seria uma solução para suprir a frustração de abdicar para conseguir viver. Se a civilização domina e reprime para fazer viver, algo sobrevive no inconsciente e tenta a todo custo superar essa barreira. A sublimação, desse modo, além de permitir o prazer, retém e reconhece a necessidade da liberação do jugo repressivo. Marcuse aponta que a sociedade exacerbou essa repressão necessária a um grau demasiadamente elevado e desnecessário. O grande veículo no qual ela encontrou desiderato foi o corpo.

É o corpo que vai sofrer *mais repressão* para que se ajuste às normas da tecnologia e da industrialização. Se a sublimação, a direção encontrada para o homem satisfazer parcialmente suas pulsões, pode não ser útil à dominação, ao ser canalizada para a arte e para a contestação na construção da liberdade, a sociedade tende a ser mais repressiva ao não promover a possibilidade de escolha, mas sim, por paradoxal que pareça, incitar ao gozo, repressivamente. A sublimação é racionalizada para que sirva ao princípio do rendimento. Porém, a recordação pulsante no inconsciente de que estaríamos sendo logrados, de que essa *repressão para a vida* não satisfaria nossos impulsos, agora é funcionalizada de modo que não incite distúrbios no andar desejado dessa civilização. Todo e qualquer gesto, pensamento, é redirecionado para que funcionalize a racionalidade instrumental.

Marcuse explicita que há, na sociedade tecnológica e industrial, um interesse em reprimir as necessidades que possam exigir a libertação. Essa *mais repressão* é mais que o simples recalque das necessidades, configurando-se como um conjunto de restrições e de imposições que têm, como finalidade, obter e conservar a dominação, seja ela política, econômica ou social. O autor chama essa mais repressão de *dessublimação repressiva*, por meio da qual o indivíduo introverte os processos de dominação e acaba por se identificar com o sistema. Sublimar os desejos para seguir vivendo não é mais necessário, pois agora a sociedade consegue realizar todos os anseios. Os indivíduos, com sua subjetividade danificada, têm a ilusão de serem livres para escolher tudo que *necessitam*. Porém, esta liberdade e necessidade são, na verdade, controladas e dirigidas pelo sistema econômico-político-cultural para que as condições objetivas não se alterem.

Se o desvio da libido (sublimação) era e é a necessidade imposta para a sobrevivência, essa administração pulsional é a responsável pela submissão *feliz* a que os indivíduos se entregam. Nessa esfera, os fatores transcendentais da existência humana, que o desenvolvimento tecnológico poderia proporcionar, geram pseudo-satisfações que pressupõem submissão e que diminuem a vontade e a racionalidade necessárias para a resistência (MARCUSE, 1969).

O que acontece é que as satisfações realmente crescem, ou as satisfações *permitidas socialmente* aumentam. Entretanto, o princípio do prazer de que falava Freud é administrado apenas repressivamente. Esse gozo não é aquele proporcionado pela sublimação, quando a consciência era mantida e até podia proporcionar arte como protesto e negação do existente. A perda dessa consciência é o primeiro indício de uma sociedade sem liberdade. Se a sublimação permitia um alto grau de consciência, de autonomia, entre o princípio do prazer e a necessidade de transposição dessa sociedade para uma existência mais feliz, a *mais repressão* opera no sentido oposto, na conciliação forçada entre renúncia e rebelião.

Constrói-se, deste modo, por meio desse oferecimento de prazer ilimitado, por meio da *dessublimação repressiva*, da sublimação operando para além de sua função, a obrigação do gozo para aquele corpo que antes sofria com a negação de seus desejos. E para que os supostos *desejos* sejam cada vez mais atendidos, a sociedade utiliza as condições técnicas mais desenvolvidas.

Essa mobilização e administração da libido pode ser a responsável por muito da submissão voluntária, da ausência de terror, da harmonia preestabelecida entre as necessidades individuais e desejos, propósitos e aspirações socialmente necessários. A conquista tecnológica e política dos fatores transcendentais da existência humana, tão característica da civilização industrial desenvolvida, afirma-se aqui na esfera instintiva: satisfação de um modo que gera submissão e enfraquece a racionalidade do protesto (MARCUSE, 1969, p. 85).

A *mais repressão* reduz a necessidade de oposição e até mesmo a suprime. Não é mais preciso perceber as contradições desta sociedade, e nem mesmo exigir alternativas. Ela agora oferece uma liberação sob a tutela da repressão, um alívio para o corpo que parece escapar por um tempo do trabalho alienado, gozando dos benefícios que a cultura de massas oferece. Mas, esta liberação produz um corpo submetido à repressão, um instrumento de trabalho e de diversão em uma sociedade que se organiza contra sua própria liberdade. O corpo torna-se uma mercadoria apresentada entre outras tantas. Ele é tratado e explorado como uma mercadoria e como um órgão para consumir, especialmente tirando proveito da aparente explosão sexual e liberação erótica na sociedade atual. Nesse momento, Marcuse aproxima-se da crítica de Adorno (1995) em *Educação Após Auschwitz*, quando afirma este que a sociedade produz pessoas afinadas com a técnica, envoltas em um *véu tecnológico*. Para Marcuse, “o homem médio dificilmente se importa com outro ser vivo com a intensidade e persistência que demonstra por seu automóvel. A máquina adorada não é mais matéria morta, mas se torna algo semelhante a um ser humano” (MARCUSE, 1999, p. 81). Véu tecnológico é uma expressão de Theodor W. Adorno no supracitado *Educação após Auschwitz*. Fica em itálico?

O que está apontado é a crítica a uma sociedade na qual a técnica vem possibilitando formações subjetivas, que acreditem que a *felicidade* é possível em um mundo de escravidão. A dominação das massas está, deste modo, vinculada ao plano material fornecido pela técnica, e também ao plano sensível, que não deixa de ser proporcionado por aquela. A racionalidade tecnológica apresenta à sociedade uma mistura aparentemente estranha, mas, na sociedade do consumo, muito harmoniosa: arte, cultura, política, religião, filosofia, faces do mesmo processo, elementos qualitativamente diferentes, mas reduzidos à uniformidade do valor de troca. A subjetividade se transforma naquilo que

a técnica permite, que não é mais que o vazio deixado pela ânsia de encontrar o gozo sacrificante que os produtos dos esquemas da indústria cultural proporcionam.

Para Marcuse, “[...] o resultado é uma atrofia dos órgãos mentais, impedindo-os de perceber as contradições e alternativas e, na única dimensão restante da racionalidade tecnológica prevalece a *Consciência Feliz*” (MARCUSE, 1969, p. 88, grifo do autor). O indivíduo precisa passar dessa consciência *feliz*, mas falsa, para uma verdadeira, situação na qual seus interesses imediatos *resolvidos* pela sociedade tecnológica seriam substituídos por interesses reais. Aí reside a verdadeira necessidade, tanto quanto a verdadeira denúncia da deformação subjetiva que se instalou. Para tanto, é preciso perceber o estado de coisas “onde desde cedo os conceitos são racionalizados de modo que são traduzidos de forma que reduzam a tensão entre o pensamento e a realidade pelo poder negativo daquele” (MARCUSE, 1969, p. 109).

É importante enfatizar que a repressão e a falta de liberdade não começam na produção de objetos e no consumo das pessoas. Não é escolhendo entre sapatos, livros, comidas, que as pessoas são doutrinadas. Há muito que estas escolhas já são conduzidas, desde cedo mergulhadas em um mundo que apenas parece livre, mas que pré-condiciona a acreditar que possuem liberdade (MARCUSE, 1969). Esta liberdade de escolha é impingida, como assinalado, no contexto da *indústria cultural*. Tudo é oferecido aos indivíduos como em uma imensa loja de departamentos. Um sem-número de opções adequadas ao estilo que se quer vender (ou ao qual o indivíduo deve pertencer) é proporcionado. Os estilos, embora pareçam diferentes, são, na verdade, um só, sempre o mesmo, o da não liberdade vestida nas cores da diversidade de escolhas:

A diferença entre a série Chrysler e a série General Motors é no fundo uma distinção ilusória, como já sabe toda criança interessada em modelos de automóveis. As vantagens e desvantagens que os conhecedores discutem servem apenas para perpetuar a ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. O mesmo se passa com as produções da Warner Brothers e da Metro Goldwyn Mayer. Até mesmo as diferenças entre os modelos mais caros e mais baratos da mesma firma se reduzem cada vez mais: nos automóveis, elas se reduzem ao número de cilindros, capacidade, novidades do gadget, nos filmes ao número de estrelas, à exuberância da técnica, do trabalho e do equipamento, e ao emprego de fórmulas mais recentes. O critério unitário de valor consiste na dosagem da *conspicuous production*, do investimento ostensivo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 116).

O homem perde sua individualidade, não porque o obrigam, mas pela racionalidade em que vive. Ele próprio renuncia à liberdade e à individualidade em favor da razão autoconservadora. Ele sente que faz parte dessa sociedade e dela não quer se distanciar. O indivíduo adapta-se a um mundo que não lhe oferece perigo (e tampouco ao sistema do qual faz parte) e que parece proporcionar a satisfação de todas suas necessidades. O sujeito totalmente integrado não consegue produzir a consciência necessária para atingir o progresso humano. Nesse caso, todo o progresso técnico não possibilita, ao contrário, impede que transformações sociais aconteçam. “A racionalidade tecnológica protege, assim, em vez de cancelar, a legitimação da dominação, e o horizonte instrumentalista da razão se abre sobre uma sociedade totalitária ou unidimensional” (MARCUSE, 1969, p. 155).

#### **4 Considerações finais**

A crítica política que Marcuse oferece não é menos que formativa. Sua preocupação com o destino do sujeito, no contemporâneo cercado pelo consumo e pelos discursos positivos em relação à técnica e ao progresso, esquecendo ou simplesmente ignorando o assemelamento entre sujeito e objeto por ela proporcionado, demonstra a atualidade de suas assertivas.

Sua atenção com a vida cotidiana, concreta, permeada pela razão tecnológica, revela uma preocupação pedagógica, em especial, nos tempos de hoje, repletos de crenças nos meios tecnológicos. Sua crítica dirige-se aos mecanismos que impedem o potencial de autonomia dos indivíduos. Se a produtividade alçava o homem cada vez mais à competição, à rentabilidade, à conformação, à crença de que essa sociedade realiza todos os seus desejos e possibilidades de felicidade, a cultura vem afirmar essa situação. A sociedade *unidimensional* está, assim, institucionalizada. Os reinos antagônicos emergem, agora, unidos por bases técnicas, políticas ou formativas: “mágica e ciência, vida e morte, prazer e miséria” (MARCUSE, 1969, p. 228). Se mesmo a imaginação foi capturada, é importante preocupar-se com o potencial formativo que resta ou que ainda é possível e necessário para alterar essa ordem.

Libertar a imaginação de modo que lhe possam ser dados todos os meios de expressão pressupõe a repressão de muito do que é agora livre e que perpetua uma sociedade repressiva. E tal inversão não é um assunto da Psicologia ou da ética, mas da política, no sentido em que esse termo foi usado o tempo todo nesse livro [a Ideologia da Sociedade Industrial] a prática na qual as instituições básicas são desenvolvidas, definidas, mantidas e modificadas [com real autonomia]. É a prática dos indivíduos, independentemente, do quão organizados possam estar. Assim, deve ser novamente enfrentada a pergunta: como podem os indivíduos administrados – que levaram a sua mutilação às suas próprias liberdades e satisfações e, assim, reproduzem-na em escala ampliada – libertar-se tanto de si mesmos como de seus senhores? (MARCUSE, 1969, p. 230).

Se tomamos a crítica radical dos frankfurtianos, que aponta para um julgamento duro da técnica e da razão, mostrando que o próprio pensamento é face sombria do esclarecimento, “a dialética fatal do progresso, [...] onde cada novo salto para a libertação é ao mesmo tempo, um novo elo na cadeia da servidão” ([...]” (MARCUSE, 1960, p. 58 *apud*, LOUREIRO 2003, p. 26)), pode parecer sem sentido insistirmos no enfrentamento dessas condições. Entretanto, os próprios frankfurtianos afirmam que apenas a organização intelectual, o pensamento que domina o pensamento, quando a pergunta se os fins são justos permanece, é que faz retornar a esperança de abrandamento da barbárie. Afirmam que não há qualquer garantia de que se possa consegui-lo, mas se há alguma está aqui, pois “todo progresso da civilização tem renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 50).

Para Marcuse, o que há é a possibilidade de uma existência menos repressora, que pressuponha uma nova relação com a natureza tornada objeto, o que ele chamará de *razão sensível*, o surgimento de um homem novo, ou ainda uma nova natureza humana, dada a possibilidade desta de diferenciar-se, de recriar-se (PISANI, 2008).

A motivação política foi um aspecto permanente nos trabalhos de Marcuse. Para o autor, assim como para Adorno, sempre esteve no horizonte a preocupação com o modo com que a subjetividade e o esclarecimento sucumbiram na tarefa emancipatória. Contudo, Marcuse argumenta pela necessidade da utopia de uma sociedade diferente desta. Para ele, a luta pela mudança, que sempre esteve alicerçada nos movimentos sociais, deveria ser ampliada para uma luta geral contra a alienação do homem. Marr (2008, p. 45) afirma que, para o filósofo, existiria a “[...] necessidade de haver uma re-determinação da cultura mediante uma teoria crítica da sociedade”, assentada e direcionada à realidade

social e material. Esta crítica foi considerada mais engajada politicamente, mas suas assertivas contém uma indicação pedagógica: preocupar-se com o potencial formativo que resta ou que ainda é possível e necessário para permitir uma existência com alguma liberdade.

## 6 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2000.

LOUREIRO, I. Breves notas Sobre a crítica da Herbert Marcuse à tecnologia. In: **Tecnologia, Cultura e Formação... ainda Auschwitz**. Bruno Pucci, Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória, Berlarmino Cesar Guimarães da Costa (organizadores)- São Paulo: Cortez, 2003.

MARCUSE, H. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. Douglas Kelner editor; tradução de Maria Crsitina Vidal Borba; revisão de tradução de Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A ideologia da sociedade industrial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MARR, W. L. A Educação pela Revolução: O que distingue o pensamento de Marcuse é o modo pelo qual democracia e revolução permanecem vinculadas. **CULT – Revista Brasileira de Cultura**. São Paulo, SP: Editora Bregantini. Agosto, 2008, p. 44-47

PISANI, M. M. Tecnologia e Política em Marcuse: A crítica de Marcuse à suposta neutralidade da ciência exige ao mesmo tempo a concepção de uma “nova humanidade”. **CULT – Revista Brasileira de Cultura**. São Paulo, SP: Editora Bregantini. Agosto, 2008, p. 60-64

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999. P. 89-108.

**RECEBIDO EM DE 2014.**

**APROVADO EM DE 2014.**